

SUICÍDIO: UMA ANÁLISE HUMANISTA EXISTENCIAL FENOMENOLÓGICA

MALISZEWSKI, Régis. ¹

NARDES, W. B. ²

POTULSKI, Lavínia Tauany. ³

MARTINI, Fabieli de. ⁴

RESUMO

Introdução: O suicídio é considerado uma das formas que o ser humano usa para expressar-se, como a única saída frente a dor. O sofrimento que essa experiência, é de uma grande dor e angústia, de tal modo, não há mais sentido para permanecer vivo, e a morte é vista como a única alternativa para sua existência. **Objetivo:** O presente artigo visou trazer alguns dados referente ao suicídio, bem como, dispor informações, trazendo concepções de diferentes autores em relação a este fenômeno. Tem como principal, objetivo compreender o suicídio através da perspectiva humanista, existencial e fenomenológica, a pessoa enquanto organismo em direção positiva, o indivíduo como problema existencial, e como relação sujeito-objeto. **Metodologia:** A pesquisa foi realizada através de um estudo bibliográfico, de caráter explicativo, e de abordagem qualitativa e análise dedutiva. **Considerações finais:** É necessário sempre considerar que cada ser humano é dono de suas escolhas e potencialmente constituído por uma capacidade latente ou manifesta de compreender a si mesmo e resolver os próprios problemas, escolhendo sempre o melhor diante do sofrimento e das circunstâncias percebida através de seu campo fenomenológico. Não cabe julgar de forma alguma qual for a decisão do outro, pois só sabe da dor quem a experiência, contudo, é necessário que o ser humano tenha o suporte psicológico e profissional necessário para que se desenvolva e amplie seu campo fenomenológico, ademais, encontrando sentido para sua existência.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio, Rogers, Humanista, Fenomenologia, Existencial.

1. INTRODUÇÃO

Segundo dados do ministério da saúde o suicídio é um fenômeno que ocorre no mundo todo. Por ano, mais de 800 mil pessoas cometem suicídio, quando se refere a adultos, a cada morte cometida 20 pessoas são afetadas e tentam contra própria vida. Esse fenômeno é complexo e com causas multifatoriais. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), “o suicídio representa 1,4% de todas as mortes no mundo, tornando-se, em 2012, a 15ª causa de mortalidade na população geral e a segunda entre os jovens de 15 a 29 anos” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019, §1).

As tentativas de suicídio e o fato propriamente dito vem sendo motivo de pesquisas nas últimas décadas nos campos de Psicologia e Psiquiatria, e este é considerado um período de tempo recente, tendo em vista que esse fenômeno se dirige paralelamente a mudança e desenvolvimento humano (DUTRA, 2000).

¹Mestre em Psicologia Clínica: Régis Maliszewski. E-mail: maliszewskiregis@gmail.com

²Acadêmico do oitavo período de Psicologia: Wellynton Nardes de Bairros. E-mail: wellyntonpsi@hotmail.com

³Acadêmica do oitavo período de Psicologia: Lavínia Tauany Potulski. E-mail: lavinia.tauany@hotmail.com

⁴Acadêmica do oitavo período de Psicologia: Fabieli de Martini. E-mail: fabielidemartini@hotmail.com

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise acerca de um fenômeno constantemente discutido desde a antiguidade até os dias atuais. O principal intuito é entender o suicídio pela perspectiva humanista, existencial e fenomenológica. Entende-se que cada uma dessas abordagens teóricas têm uma visão própria sobre este fenômeno, contudo, em determinados pontos se relacionam.

Este trabalho tem suma importância para o desenvolvimento da compreensão do suicídio tanto para os profissionais da área da saúde que se deparam com tal situação, como também para os acadêmicos, futuros profissionais que irão lidar com sujeitos que percebem o fim da vida prontamente como a solução de seus conflitos. Seria esse mesmo uma solução? Aquele que atenta a própria vida, o faz por que? O que está buscando? O que o motiva? Será essa uma das formas de apropriar-se de sua existência?

O presente trabalho foi desenvolvido por acadêmicos do curso de Psicologia do 8º de uma universidade do Oeste do Paraná. Os autores do artigo, realizam estágio na clínica escola a qual atende a comunidade de forma gratuita. As atividades visam atender a comunidade e auxiliar os acadêmicos na prática clínica na referida instituição. Nas páginas seguintes deste artigo, o fenômeno suicídio será discutido através de alguns teóricos humanistas, existenciais e fenomenológicos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS GERAIS DO FENÔMENO

De acordo com Durkheim (2000), existem numerosos tipos de morte, entretanto algumas delas compartilham aspectos em comum e o principal deles é o de ser cometida pela própria vítima. Acontece por exemplo, de o sujeito morrer por recusar-se a se alimentar ou de forma mais fatal como atirar em si mesmo, independente se o ato é imediato ou não, a natureza é a mesma. “Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado.” (DURKHEIM, 2000, p. 14).

O suicídio é considerado como uma forma humana de expressão, um modo que o sujeito vê como única saída e/ou forma de lidar com a dor, uma maneira de fugir do sofrimento que naquele momento é viver. É a forma que a pessoa dispõe de acabar com a vida que lhe é insuportável em um dado momento (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

Quando a pessoa pensa em tirar a própria vida ela está certamente em sofrimento. O suicídio é considerado como a única saída para cessar o sofrimento quando esse é insuportável e incompreensível. De maneira geral “o termo ‘suicídio’ significa “morte de si mesmo” (CASSORLA, 2018, p.11).

2.2 ÍNDICES DE SUICÍDIO NO BRASIL E NO MUNDO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2000), o suicídio é um problema com causas multifatoriais no qual aspectos psicológicos, culturais, genéticos, ambientais e sociais interagem entre si, dessa forma, não existe apenas uma razão que o justifique.

Segundo dados da OMS, as tentativas de suicídio são cometidas em maior número por mulheres, porém de acordo com os índices, a população masculina é a que mais consegue tirar a própria vida (OMS, 2000). Quanto a idade as pesquisas apontam que acontecem de forma mais acentuada em dois ciclos de vida, em jovens entre 15 e 35 anos e em idosos que possuem acima de 75 anos. “Pessoas divorciadas, viúvas e solteiras têm maior risco do que pessoas casadas. As que vivem sozinhas ou são separadas são mais vulneráveis.” (OMS, 2000, p.11).

O suicídio é um fenômeno percebido desde a antiguidade até os dias atuais. De acordo com Silva, Alves e Couto (2016), no Brasil, ocorreram 11.821 mortes por suicídio no ano de 2012, o país se encontra na oitava posição dos números registrados de suicídio, o fenômeno tornou-se um problema de saúde pública no Brasil. No mundo todo, a cada 40 segundos uma pessoa tira a própria vida.

2.3 SUICÍDIO NAS PERSPECTIVAS HUMANISTA EXISTENCIAL E FENOMENOLÓGICA

2.3.1 O suicídio para existencial

Durante sua existência o ser humano passa por diversas situações no mundo e a experiência de maneira particular. Dentre essas, podem ocorrer experiências que propiciem sentimentos positivos de auto realização, em contrapartida, existem situações nas quais não se encontram condições que levem a auto-atualização e desenvolvimento. Diante disso, a ausência desses aspectos leva o sujeito a perder o sentido da vida e a desmotivar-se, isso contribui para um vazio existencial causando sofrimento e desespero. Na presença desses sentimentos negativos, o ser humano se convence que a

única saída para sua dor é a morte, “um alívio para a sua existência, isto é, encontra no suicídio uma alternativa para a vida” (SILVA, ALVES & COUTO, 2016, p. 185).

Segundo Ferreira (2004), cada caso em que o suicídio é visto como solução é único, e possui um sofrimento existencial particular. Para abordagem humanista a pessoa que tenta suicídio encontra-se em uma fase existencial cinzenta e carregada. Considera-se que o sujeito é livre para fazer escolhas, seja ela qual for em relação a própria vida, apesar de que essa é sempre considerada uma má escolha, e é feita em um momento em que é vista como a única alternativa encontrada para aliviar um sofrimento impossível de suportar, sofrimento esse experimentado em uma fase existencial específica. “A tentativa de suicídio seria não somente uma manifestação de autodestruição, mas também uma forma atribulada de conservar a imagem do eu que estaria vulnerável com esta incongruência vivida” (FERREIRA, 2004, p. 15).

A auto atualização é um dos pontos principais da abordagem humanista-existencial. Sendo que essa tendência consiste em ir em busca do melhor que se pode em um dado momento ou situação no qual o sujeito se encontra, portanto, quando se refere ao suicídio, esse é visto como a última alternativa desesperada do ser humano a atualizar-se (FERREIRA, 2004).

No caso do suicídio, ou na tentativa de suicídio, esta escolha, mesmo que distorcida pelas circunstâncias psicológicas em que se encontra o sujeito, foi a melhor que ele conseguiu encontrar para si e o máximo que ele pôde fazer na tentativa de manter a sua dignidade frente a sua existência. (FERREIRA, 2004, p. 15)

O sentido que a pessoa dá para a vida, é o que a motiva a manter o vínculo com ela e com a atualização de sua existência. De certa forma a pessoa sabe o que ainda quer produzir ou realizar, mas quando isso não acontece, quando não há convicção do que se quer realizar, quando não há planos, perde-se o sentido de estar vivo, e experienciar a vida dessa maneira causa um grande vazio. Segundo Frankl (1990 *apud* FERREIRAS, 2004, p. 23), “a dúvida na possibilidade de sentido *sinnhaftigkeit* da existência humana, porém, leva facilmente ao desespero. Esse desespero apresenta-se como uma decisão para o suicídio.”

A vida humana é determinada por cada sujeito, e parte desse suas decisões e escolhas. Uma pessoa pode sentir-se desesperada e não encontrar uma solução em qualquer momento de sua existência. O ápice dessa situação é quando o sujeito desespera de si mesmo. Em diversas situações para sair dessa crise existencial pode-se recorrer a algumas formas de cessar esse desespero, como por exemplo, através do vício em alguma substância e do suicídio. Dessa forma, o suicídio é visto

como uma das maneiras encontradas para livrar-se do desespero presente em algum momento da existência humana (SILVA, ALVES & COUTO, 2016).

Ainda de acordo com Silva, Alves e Couto (2016), a sociedade atual contribui para que o ser humano passe por momentos de desespero existencial. Sentimentos de solidão, angústia, tristeza, contribuem para o surgimento de crise existencial e perturbam a grande maioria das pessoas, portanto muitas vezes o suicídio é visto como uma saída e uma possibilidade para sua existência. “Diante do desespero que emerge do contexto psicossocial, a morte é percebida como uma saída do sofrimento, um alívio para a dor, uma possibilidade para a solidão existencial que despedaça a vida” (SILVA, ALVES & COUTO, 2016, p.186). O suicídio é visto como uma forma de eliminar a angústia. O ser humano não considera viver de outra forma, de tal modo que vê o suicídio como uma forma de apropriar-se da vida e de si mesmo, ainda que eliminando-o, isso vai de encontro com o destino de todo ser humano que é o de existir para a morte.

2.3.2 O suicídio para a fenomenologia

Conforme Ceccon (2017), a psicologia fenomenológica busca dar um significado para a existência e experiências vividas pelo ser humano, a autora também destaca que a fenomenologia é um método que tem como objetivo entender essas experiências e suas significações para o indivíduo, ainda ressalta, que a vivência pode ser realmente compreendida quando relatada por quem a experimentou. Sendo assim, priorizando tanto o sujeito quanto suas práticas e experiências.

Para se ter conhecimento sobre um fenômeno é necessário fazer com que o indivíduo tenha compreensão a respeito do significado da experiência que está vivendo. Com isso, a fenomenologia vem tratando o luto e a morte como fenômenos naturais do homem, atentando-se a revelar as experiências no mundo (CECCON, 2017).

Existem diversos questionamentos acerca do suicídio, é tido como incompreensível uma pessoa decidir tirar a própria vida. Em contrapartida, no ponto de vista fenomenológico, é um fenômeno frequente na vida humana e que necessita de uma atenção ao olhar para a representação e as consequências do suicídio, não apenas para quem tenta, e que pode ter êxito, mas também para as pessoas próximas (ROCHA, BORIS & MOREIRA, 2012).

Segundo Campos (2013), a morte muitas vezes é a possibilidade de autenticidade para o ser-aí, que é uma tradução da palavra alemã “*Dasein*” citado por Heidegger, com o sinônimo de existência. O ser-aí vê a morte como autêntica, pois é o sentido mais legítimo de fim, onde o indivíduo

procura por libertar-se do que lhe causa sofrimento. A partir disso, o indivíduo, sendo um ser-no-mundo se reconhece como cuidador de si, e com sua existência depara-se com possibilidades e escolhas, porém não existe a resposta correta para tais pelo fato de construir-se a partir de suas escolhas. “Essa condição torna o viver humano um constante angustiar-se, já que está sempre imerso em inúmeras possibilidades” (CAMPOS, 2013 *apud* HEIDEGGER, 1987). Portanto, se defrontar com escolhas e incertezas causa aflição para o indivíduo.

Para Angerami (1997), ao buscar o suicídio como alternativa para aliviar suas angústias, o indivíduo passa por um sofrimento emocional de níveis insuportáveis, desta forma, busca pelo comportamento autodestrutivo, pois é o tempo todo estimulado e já pode estar condicionado a tal ato. O suicida escolhe privar-se de ser-para-morte de forma natural, vê o suicídio com a única possibilidade para acabar com o sofrimento perante uma existência a qual não encontra sentido (CAMPOS, 2013).

Sartre (1970 *apud* Angerami, 1997) determina que “essencial não é aquilo que se fez o homem, mas aquilo que ele fez daquilo que fizeram dele”. Desta forma, pode-se dizer que o suicida faz algo com o que fizeram dele (CAMPOS, 2013).

Somos a realidade de nossos fenômenos em tanto quanto o observamos na consciência. Dessa maneira a autodestruição é uma manifestação humana, mas não como afirmam alguns teóricos “inconsciente” e “obscuro”, ao contrário, assumida pela condição de liberdade. O homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio; e no entanto livre, porque uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer (SARTRE, 1970 *apud*. CAMPOS, 2013).

Muitas pessoas ao falar sobre um suicida, por vez podem acabar por reduzir o ato a conceitos patológicos, a fim de encontrar um motivo que justifique tal comportamento, não se atentando a considerar que há uma existência “angustiaada” levada por escolhas e experiências nas quais o suicida não encontra sentido (ROCHA, BORIS & MOREIRA, 2012). Portanto, conseqüentemente, por não ver possibilidades o que importa para o indivíduo é dar fim a situação que o angustia, prefere deixar de existir, tendo como projeto de existência a autodestruição, sendo levado por essa escolha, pois é um ser livre para realizar suas escolhas (CAMPOS, 2013).

2.3.3 O suicídio para o humanismo

O humanismo se caracteriza por um movimento cultural surgido no século XIV, ligado a renascença. Este movimento propõe colocar o homem no centro, em contrapartida com o sobrenaturalismo medieval da época, no qual havia um fervor em relação aquilo que é divino e eterno, menosprezando o que é humano, como consequência a vida do presente não havia valor algum, “as coisas do mundo são transitórias e um cenário passageiro para as coisas eternas.” (AMATUZZI, 2008. p. 13). O humanismo vem para revalorizar o humano, o crescimento deste são coisas importantes a serem levadas em consideração, devendo ser cuidado. Já a psicologia com o viés humanista de acordo com Ponte (2010), surge entre os anos 50 e 60 nos Estado Unidos, com as primeiras publicações de Abraham Maslow, e em seguida por outros autores como Rollo May, Gordon Allport e Carl Rogers (que será abordado neste tópico). Esta psicologia tem como uma de suas características a visão positiva do humano, atribuindo uma maior ênfase em suas potencialidades, crescimento e auto-realização, em contraposição aos enfoques behavioristas e psicanalíticos.

Após essa breve fundamentação sobre o surgimento do humanismo e da psicologia humanista, iremos prosseguir com o tema suicídio através da perspectiva rogeriana, que se enquadra dentro dos parâmetros de uma psicologia humanista.

Ribeiro (2006), afirma que em certas ocasiões de nossas vidas, se deparamos com situações em que não encontramos formas de enfrentamento, não há criatividade ou habilidade para confrontar. Desejar que este momento passe ou desapareça em um toque de mágica é normal, o chocante é quando o sujeito tira a própria vida para não ficar mergulhado nesta escuridão. Na opinião de Rocha, Boris e Moreira (2012), o suicídio em um primeiro momento pode até parecer algo absurdo e irracional, no entanto, é um fenômeno digno de aproximação sob um olhar mais afundo do que este representa, seja para o sujeito que tenta o suicídio ou para as pessoas que estão ao seu redor. Na perspectiva destes autores, a inabilidade de lidar com o sofrimento, parece colocar o sujeito na posição de resolver seus problemas através da eliminação destes juntamente consigo, ou seja, resolvendo com a própria morte. Diante da tentativa de suicídio, a pessoa se depara com um problema existencial significativo, no qual se questiona: “qual é o valor da minha vida?”.

Para Dutra (2000), a morte não é um fim em si mesmo, a morte é desconhecida, mas se apresenta como uma saída do sofrimento, da solidão existencial, “o *self* ou a experiência não encontra lugar no tempo que é vivido. Então o desespero e o tempo de um não ser se instala.” (DUTRA, 2000, p. 194). O suicídio é uma das formas de lidar com a angústia, de se apropriar da vida, assumir o seu destino, mesmo que sendo através da própria eliminação, mas que, no entanto, caracterizada por uma incapacidade de instituir um jeito novo de existir. No que se refere ao modo de existir no mundo,

Ribeiro (2006) afirma que, em oposição dos motivos que viabilizem a auto realização e crescimento, o suicídio se caracteriza por um sintoma de uma existência não saudável.

Dutra (2000) afirma que através da articulação entre as experiências profissionais e os estudos, observou que o suicídio sob o olhar do *self* necessita de um maior alcance de visão. Para o autor, o modo inautêntico de se viver (por conta de um processo incorreto de simbolização, um desacordo entre a experiência) pode resultar em escolhas existências inadequadas, devido a incompatibilidade com o seu ser verdadeiro, levando ao fracasso fatal na tentativa de preencher o vazio em que o sujeito se encontra.

Fonseca e Lôbo (2015) ao investigar a tentativa de suicídio por meio da perspectiva centrada na pessoa (ACP), afirma que este fenômeno estaria ligado ao que Rogers descreveu como desacordo entre a estrutura de *self* e a experiência global do organismo. Ademais, os autores afirmam que o psicólogo ao considerar a tendência atualizante (pressuposto básico da teoria de Rogers) como força motriz da diferenciação do *self*, irá desvelar os valores sociais e pessoais que influenciam o modo como o sujeito formou a sua ideia suicida. Em adição a isso, Santos (2005) afirma que a relação terapêutica da ACP possui como objetivo restabelecer um possível acordo entre a experiência consciente do *self* do sujeito e a sua experiência total, para que assim este possa amadurecer. Os meios para atingir tal maturação, seria através da criação de condições na relação que favorecem a rescisão das barreiras que dificultam a expressão do potencial construtivo, que possuem como consequência negativa o desajustamento social e o desequilíbrio psíquico.

O conceito *self* citado anteriormente, trata-se de uma estrutura que se forma através da interação com o ambiente. Valores constituintes do *self* são experimentados diretamente pelo organismo ou através da introjeção por meio de outras pessoas, passando a valorizar as experiências que percebe como aperfeiçoadora, e concedendo um valor negativo as experiências ameaçadoras, como na situação a seguir, que é exemplificada através do modo como a criança experiencia a ameaça:

Mas, então, surge uma séria ameaça ao *self* da criança. Ela experimenta palavras e ações de seus pais com relação a esses comportamentos satisfatórios, e com as palavras e ações vem o sentimento de que "Você é ruim, o comportamento é ruim, e você não é amada ou digna de amor quando se comporta dessa maneira". Isto constitui uma profunda ameaça à estrutura nascente do *self*. O dilema da criança poderia ser esquematizado nestes termos: "Se eu admitir à consciência as satisfações desses comportamentos e os valores que apreendo nessas experiências, isto será incoerente com meu *self* como sendo amado ou digno de amor". (ROGERS, 1992, p. 568).

O *self*, os afetos, as relações, os valores e humores do indivíduo têm um papel crucial na forma como se percebe o mundo, e na orientação de sua conduta. O *self* é consciente, uma configuração perceptual mutável constituída das percepções do organismo. As características que o organismo considera como sendo parte de si, irá ser responsável tanto pelo desenvolvimento de condutas saudáveis quanto do patológico, e ainda:

A função do *self*, além daquela de influenciar a percepção do mundo, constitui-se, acima de tudo, como regulador da conduta, substituindo a avaliação orgânica que ocorria na fase em que a criança assim funcionava, antes de se constituir como um eu separado dos pais ou figuras significativas (DUTRA, 2000, p. 40).

Sendo então a percepção como determinante do comportamento em relação a interpretação que fazemos da realidade e não uma realidade objetiva em si, uma situação percebida por um sujeito como problema, pode ao mesmo tempo ser percebida como uma oportunidade de crescimento para outro (VENTURELA, 2011).

Para que uma experiência ou um objeto sejam considerados como parte do *self*, depende em grande medida que estes sejam percebidos como estando dentro do controle, ou seja, aquilo que se encontra fora do controle é percebido como não fazendo parte do *self*, “por exemplo, um pé “que dorme” por falta de circulação torna-se para nós um objeto, em vez de uma parte do *self*.” (ROGERS, 1992, p. 566).

Sobre a distorção ou negação destas experiências, podem ter como sintomas a sensação de insegurança, angústia, ansiedade, uma tensão interna que se apresenta ao sujeito como aparentemente desconhecida e descontrolada, levando o sujeito a comportamentos autodestrutivos. De acordo com Rogers (1992), o sujeito que se vê como uma pessoa que não possui sentimentos agressivos, ela não pode se satisfazer esse tipo de necessidade de uma forma direta, mas podem ser satisfeitas por meio que sejam coerentes com seu *self*.

Por exemplo, um piloto que vê a si próprio como corajoso e relativamente livre de medos recebe uma missão que envolve grande risco. Fisiologicamente, ele experimenta medo e uma necessidade de escapar do perigo. Essas reações não podem ser simbolizadas na consciência, uma vez que seriam muito contraditórias com seu conceito de *self*. A necessidade orgânica, porém, persiste. Ele pode perceber que “o motor não está fazendo um barulho muito normal”, ou que “estou me sentindo mal e com o estômago enjoado” e, com base nisso, livrar-se da missão (ROGERS, 1992, p. 577).

A pessoa que vê a si própria como desprovida de sentimentos agressivos não pode satisfazer uma necessidade de agressão de nenhum modo direto. As necessidades só podem ser satisfeitas por meios que sejam coerentes com o conceito organizado de *self*.

A revelação da realidade se torna uma ameaça, o indivíduo pode se deparar a um jeito de ser que a priori não acredita ser, surge uma ameaça a própria identidade, uma desarmonia entre o autoconceito e a experiência (incongruência), em que pode se apresentar como uma das formas de se defender a esta ameaça, pôr um fim a própria vida (VENTURELA, 2011).

O campo fenomenológico apresentado por Rogers (1992) é essencial para compreendermos a situação do sujeito que intenta acabar com a vida. Este campo caracterizado por sua particularidade sem igual para com os outros, contem experiências conscientes que são percebidas (ou não) pelo organismo, no qual apenas uma pequena parte das experiências são conscientemente experimentadas. No entanto, a experiência total é apenas algo potencial, não sendo possível, pois existem muitas sensações e impulsos, que somente se tornaram conscientes sob determinadas condições. Neste mundo de experiências tão particular, apenas o próprio sujeito é capaz de entender seu mundo de forma autêntica e completa. Ao percebermos os comportamentos dos outros organismos como “anormais” ou “sem sentido”, é viável pensarmos que estamos analisando tal fenômeno através de uma ótica, uma estrutura que nos é própria. Compreender o outro estaria relacionado a compreender a forma como o este sujeito percebe o mundo, a partir da estrutura de referência do outro, assim poderíamos ir mais afundo sobre os seus comportamentos, porém isto é impossível de se alcançar, sendo possível apenas até certo ponto. A reação do sujeito para com a sua realidade, se dá pela forma como este experimenta a mesma, uma reação a percepção da realidade e não do absoluto. Um exemplo disso pode ser verificado no caso exemplificado por Rogers (1992) no qual dois indivíduos escutam um político (desconhecido) falar na rádio, um dos sujeitos percebe o político como falso profeta e embusteiro, já o outro como líder do povo. O comportamento se adequa de acordo com a realidade percebida.

Há uma tendência de preservação, de se defender perante a ameaças, mesmo quando as vias usualmente estão bloqueadas, rumo a maturação, que neste caso não se dá de forma tranquila, o auto aperfeiçoamento e crescimento se dá normalmente por meio de dores e lutas, e ainda, “para que a menos que a experiência seja adequadamente simbolizada, a menos que sejam feitas diferenciações apropriadamente acuradas, o indivíduo confunde comportamentos regressivos com comportamentos de aperfeiçoamento do *self*.” (ROGERS, 1992, p. 558).

O terapeuta torna-se muito consciente de que a tendência de movimento para frente do organismo humano é a base na qual ele se apóia de maneira mais firme e fundamental. Isto é evidente não só na tendência geral dos clientes de moverem-se na direção do crescimento; quando os fatores na situação estão claros, mas sobretudo em casos graves, quando o indivíduo está à beira da psicose ou do suicídio. Nessa situação, o terapeuta tem profunda consciência de que a única força com que pode contar é, basicamente, a tendência orgânica na direção de um crescimento e aperfeiçoamento contínuos (ROGERS, 1992, p. 556).

De acordo com Rogers (1992), as necessidades ocorrem como tensões fisiológicas, que ao ser experimentadas o organismo elabora comportamentos para reduzir essas tensões, preservando o organismo, como exemplo “um homem no deserto fará tanto esforço para alcançar o “lago” que ele percebe numa miragem como para chegar a um verdadeiro poço de água.” (ROGERS, 1992, p. 559). Diante disso, é necessário compreendermos que embora as experiências passadas modulem o significado das experiências percebidas no presente, o comportamento do organismo é motivado a satisfazer necessidades ou diminuir as tensões que ocorre no instante atual. A intensidade da emoção está ligada à importância atribuída ao comportamento para preservação e aperfeiçoamento. O pulo que você dá para calçada com o intuito de escapar de ser acertado por veículo que se aproxima, será acompanhado de uma emoção forte se acaso for percebida como um comportamento que irá diferir entre a vida e a morte. Será então que os comportamentos administrados pelo sujeito no qual verificasse como consequência a morte, seria um movimento em direção ao salto para a calçada? Um comportamento entendido como apaziguador da tensão, no entanto, anulação da vida.

Um outro ponto recorrente da teoria rogeriana é a tendência a atualização, que é inerente do ser humano. A atualização intenta desenvolver as potencialidades do sujeito, assegurando a sua conservação. Ela também procura alvejar o que o sujeito vê como enriquecedor ou valorizador, de modo geral, o seu saber, sua felicidade, seu poder, seu prazer, seu talento, sua importância, isto é, toda espécie de coisa que contribui para o desenvolvimento integral do sujeito. Como supracitado, a tendência a atualização atinge aquilo que o sujeito percebe como enriquecedor, a ideia envolvida nessa percepção é a noção do Eu, que seria uma estrutura perceptual, como exemplo a qualidade e defeitos, atributos, capacidades e limites, entre outras características que a pessoa percebe como da sua identidade. Enquanto a tendência atualizante seria um fator dinâmico, responsável pela energia, a noção do Eu seria o fator regulador, aquele que dá a direção desta energia, sendo esse último responsável pela eficácia ou não da atualização (ROGERS & KINGET, 1975).

Uma das noções chaves da concepção terapêutica rogeriana refere-se à capacidade latente ou manifesta do ser humano de conseguir compreender a si mesmo e de resolver os próprios problemas, caminhando no sentido do funcionamento adequado. No entanto, para que esta capacidade seja

atendida é necessário um contexto de relações positivas, sem ameaças as concepções que o sujeito faz de si mesmo (ROGERS & KINGET, 1975). Do ponto de vista de Santos (2005) a perspectiva humanista presente na concepção da abordagem em questão, acredita no homem como sendo motivado a construção, a se organizar, de se desenvolver em direção a autonomia, mas que no entanto, as condições do meio podem dificultar o avanço do desenvolvimento, a atualização. Cabe ao terapeuta criar condições através da relação, para que assim a pessoa possa ela mesma se reorganizar e encontrar a sua direção, pois o poder do processo de mudança se encontra inerente na responsabilidade do sujeito.

Sobre a orientação positiva da teoria rogeriana, se fundamenta no pensamento de que quando passamos a compreender e aceitar efetivamente o outro, existe uma tendência a direção construtiva, positiva, a auto realização, maturidade e socialização. Ou seja, quanto mais o sujeito é compreendido e aceito, maior é a tendência a baixar suas defesas que utilizou durante a vida. É possível de perceber tal perspectiva como sendo ingenuamente otimista da natureza humana, no entanto, Rogers afirma que tem consciência de que pelo fato do sujeito ter que se defender de seus terrores, ele possa a vir a comportar-se de uma forma destrutiva e regressiva. Rogers verificou que dentro do processo de mudança, existe uma dinâmica, caracterizada pela passagem da fixidez que seriam concepções rígidas que o sujeito possui de si, para um estado de fluidez, caracterizada pela possibilidade de mudança, aceitação dos sentimentos e experiências, resultando na integração do funcionamento do organismo (ROGERS, 1985/2009).

3. METODOLOGIA

O trabalho em questão teve como objetivo a explicação dos fatores que causam ou contribuem para que determinados fenômenos ocorram (suicídio) (GIL, 2002), através do método dedutivo, que de acordo com Prodanov e Freitas (2013) analisa do geral para o particular, ou seja, de forma decrescente. Os procedimentos adotados para a produção do trabalho foram através de artigos científicos já publicados, dissertações, monografias e livros disponíveis, se enquadrando em uma espécie de pesquisa bibliográfica, tendo como o tipo de abordagem a qualitativa, observando os achados de outras pesquisas e fazendo uma interpretação desses dados por meio de uma análise através das abordagens humanistas, existenciais e fenomenológicas, em específico a Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Ransom Rogers.

3.1 PROCEDIMENTOS

Primeiramente foi pesquisado nas plataformas de artigos científicos *Scielo*, *Pepsic*, *BVS-psi*, e do buscador *Google Acadêmico*, através das palavras chaves: Suicídio e Psicologia, Suicídio Abordagem Humanista, Suicídio Abordagem Existencial, Suicídio Abordagem Fenomenológica, e Suicídio Abordagem Centrada na Pessoa. Em seguida foi feita uma filtragem entre os livros e artigos encontrados, ficando apenas os artigos que retratavam sobre o funcionamento psíquico do suicida ou do fenômeno em si.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Na visão fenomenológica somos seres conscientes e condenados a liberdade no sentido de ser responsável por suas próprias escolhas e as consequências destas. A partir desta visão a morte é observada como sendo um fenômeno natural do homem e quando se trata do suicídio, é tido como uma escolha. Estes fenômenos são significados por cada indivíduo de uma forma. Com isso, perante a sociedade, o suicídio não é a melhor solução, em contrapartida, para o indivíduo que tenta ou comete, sim. Para ele existe um significado diferente, pois o nível de sofrimento é tão forte que o seu campo fenomenológico se resume a uma única possibilidade, tendo a autodestruição como forma de cessar essa angústia.

O suicida atenta para com a própria vida por não encontrar sentido em sua existência e não conseguir ver outras possibilidades. Desta forma, há uma busca por liberdade, para ele a morte é o sentido mais autêntico e legítimo de fim. Portanto, almeja pelo fim do que está lhe causando a angústia, quer se libertar do sofrimento. Esta angústia que pode ser causada a partir de suas experiências, trazendo o sofrimento para o ser-aí, que se vê como responsável por si mesmo, deparando-se com escolhas e possibilidades, e se ver nesta posição pode afligir o indivíduo e então vir à tona a autodestruição.

Pelo ponto de vista fenomenológico, o suicídio é uma das formas de apropriar-se de sua existência, pois, o suicida escolhe se privar do ser-para-morte de forma natural assim escolhendo o momento em que prefere deixar de existir.

Se tratando da ótica existencial, todo ser humano possui uma tendência a auto atualização, logo, existe uma disposição constante a ir em busca do melhor que se pode ser diante do que está sendo vivido pelo sujeito, desse modo, o suicídio é visto como uma última opção que o ser humano

encontra para atualizar-se. A pessoa perde o sentido de estar viva, e experienciar a vida dessa forma causa angústia e desespero, diante desse desespero existencial o suicídio é visto como solução.

Dentre as situações experienciadas existem aquelas que não proporcionam a auto atualização, dessa forma causando sofrimento e perda do sentido da vida, o que contribui para uma existência sem significado. Diante a esse desespero e sofrimento a única forma que o sujeito encontra para livrar-se da dor é a morte, sendo assim o suicídio a única alternativa para a vida. Em todo caso que a morte é vista como única saída, é vivenciado um sofrimento existencial particular. O ser humano é livre para fazer escolhas em relação a própria vida, mesmo que o suicídio seja considerado uma opção ruim, ele é cometido, pois, naquele momento é visto como única saída para a dor que se encontra na fase existencial em que está experienciando.

Em um dado momento da vida o sujeito pode não encontrar uma solução para o que está passando. O auge dessa situação é quando este desespera de si mesmo em algum momento de sua existência. Portanto o suicídio é uma saída, e por vezes a única possibilidade para a existência. A dor sentida pelo ser humano que a experiência causa tanto sofrimento que não existe outra saída ou outra forma de viver, a tal ponto que morrer é visto como uma forma de apropriar-se da vida. Adiantando o destino da vida humana, a morte.

Através da concepção rogeriana, que possui a filosofia humanista como viés de sua orientação, podemos observar alguns aspectos sobre como se encontra a pessoa que idealiza o suicídio, que tenta o suicídio ou que consegue. O sujeito nesta situação, enfrenta um desacordo entre o *self* e suas experiências, o suicídio se apresenta como uma solução para lidar com a angústia, uma forma de assumir as rédeas de sua vida, aniquilando a ameaça, mesmo que com o fim da vida, desta forma, correspondendo com a tendência atualizante proposta por Rogers e Kinget (1975). E ainda, como já discutido durante o percorrer do texto acima, por conta da tendência a preservação, o organismo procura meios para se defender das ameaças que sofre, buscando modos para se libertar dessas ameaças, para que assim possa continuar rumo ao aperfeiçoamento e funcionamento adequado.

Partindo do pressuposto de que o organismo responde ao ambiente através da forma como ele percebe este (ROGERS, 1992), algumas situações podem ser percebidas como ameaçadoras a sua concepção de *self*, gerando diversos conflitos entre o que ele experimenta e o que ele concebe como fazendo parte de seu *self*, podendo haver uma distorção ou negação dessas experiências, tornando-se cada vez mais complicada a tarefa de controlar de forma consciente, pois de um lado o organismo luta para satisfazer as necessidades que não estão sendo conscientemente admitidas, podendo resultar

em certas tensões, possibilitando um desajustamento psicológico. Quanto mais o organismo identificar as experiências como ameaçadoras, mais rígida sua estrutura de *self* irá se organizar.

Como uma boa mãe só poderia ser agressiva com seu filho se ele merecesse punição, ela percebe boa parte do comportamento dele como sendo ruim, merecedor de castigo; dessa forma, os atos agressivos podem ser consumados sem contrariar os valores organizados de sua imagem de *self*. Se, sob grande tensão, ela chegasse a dizer ao filho "Eu te odeio", logo se apressaria em explicar que "não sabia o que estava dizendo", que o comportamento ocorreu mas estava fora do controle dela. "Não sei o que me fez dizer isso, porque claro que não é verdade" (ROGERS, 1992, p. 581).

Antes mesmo de julgarmos determinados comportamentos emitidos pelos outros como sendo anormais, estranhos, ou sem sentido, se faz necessário lembrar o que já foi comentado anteriormente, de que, para que possamos compreender a situação do sujeito suicida, é preciso olhar o mundo através de sua visão, tentar o máximo possível se aproximar da forma como se encontra seu campo fenomenológico, como este percebe o mundo, e não através de nossa estrutura de referência. Ademais, devemos ter em mente que a única pessoa com a capacidade de compreender a situação de forma integral, é o próprio sujeito, ou seja, o único capaz de analisar os fatores envolvidos nesse processo que o faz pensar em tirar a própria vida, e da resolução deste problema, é ninguém mais ninguém menos do que aquele que está nesta situação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente trabalho foi possível ampliar o conhecimento a partir do fenômeno do suicídio com base na visão das linhas teóricas já citadas, e também compreender as semelhanças e diferenças entre cada uma das três. Estas que olham para o sujeito de modo que apenas ele é dono de suas escolhas, e as fazem como sendo a única forma que encontra para atualizar-se dentro de seu campo fenomenológico, que, no caso do suicídio encontra-se reduzido, além disso, a morte é vista como a melhor solução para a existência no momento em que sua estrutura de *self* se encontra ameaçada.

É notório o quanto o suicídio é um fenômeno que vem ganhando atenção, desde os primórdios até os dias atuais, sendo esse um tema complexo e com inúmeras formas de ser considerado. Apesar de existirem maneiras diferentes de se abordar ou discutir sobre o suicídio, essas abordagens podem apresentar algumas semelhanças, como descrito por Ponte (2010) sobre as aproximações de Kierkegaard e Rogers, na visão do humano como sendo fortemente marcado pela visão centrada no

individual, a liberdade e a busca em relação a valorização da decisão que o sujeito faz por si mesmo, ou então da redução fenomenológica que Rogers utiliza, mas que foi elaborado por Husserl. Holanda (1997) defende a ideia de que há sim a existência de fenomenologia na corrente humanista, considerando a totalidade do organismo, do modo mais ativo de relação entre cliente a terapeuta, nisso estaria ligada fundamentalmente a ACP. Até mesmo Rogers afirma ter se sentido apoiado em relação a sua nova abordagem, ao conhecer os escritos de Martin Buber e Kierkegaard (indicações de seus alunos), percebeu que sua abordagem era "(...) um ramo de fabricação caseira da filosofia existencial." (ROGERS & ROSENBERG, 1997, p. 203).

De fato, é pertinente buscar entender questões nas quais não se considere a morte apenas como uma má escolha, ou uma escolha ruim, mas sim questionar-se quanto ao que leva o suicida a ter essa como única saída para sua existência, para que, de algum modo sejam consideradas outras alternativas para a vida, de maneira a não acabar com a existência de ser-no-mundo e sim ter a oportunidade de lidar com os fenômenos e experiências que lhe causam angústia.

Por fim, cabe aqui propor aos novos pesquisadores a elaboração de materiais que contribuam para que o conhecimento sobre esse tema seja ampliado. Dessa forma produzindo materiais que colaborem com profissionais que se interessam por essas questões, assim também auxiliando os acadêmicos da área que muitas vezes se deparam com dificuldades em encontrar referenciais teóricos em relação a esse tema no campo da psicologia humanista existencial e fenomenológica.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. M. **Por uma psicologia humana**. SP: Editora Alínea, 2ª Edição, 2008.

CAMPOS, K. O suicídio na abordagem existencial fenomenológica. **Revista de Psicologia - Centro Universitário Newton Paiva – Minas Gerais**, Edição 1, 2013. Disponível em <<http://blog.newtonpaiva.br/psicologia/wp-content/uploads/2013/03/E1-40.pdf>> Acesso em 27 Set. 2019.

CASSORLA, R.M.S. **Suicídio fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução**. 2018. Editora Edgard Blücher Ltda.

CECCON, N. J. Sobre a morte e experiência. **Anais do EVINCI – UniBrasil**, v.3, n.2, p. 883-899 – Curitiba, 2017. Disponível em <<http://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisevinci/article/view/3181>> Acesso em 28 Set. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Conselho Federal de Psicologia - Brasília, 1ª Edição, 2013.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. 2000. São Paulo: Martins Fontes.

DUTRA, E. M. do S. **Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o enfoque da abordagem centrada na pessoa**. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://bibliotecaparaalapersona-epimeleia.com/greenstone/collect/ecritos2/index/assoc/HASH01ed/a5c10835.dir/doc.pdf>> Acesso em 01 Out. 2019.

FERREIRA, Heidi de Medeiros. **Compreensão da tentativa de suicídio a partir de um referencial teórico humanista-existencial**. Monografia (UNICEUB - Faculdade de Ciências Sociais da Saúde FACS), Brasília, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2958/2/9960700.pdf>>. Acesso em 26 Out. 2019.

FONSECA, E. F. M. & LÔBO, W. L. Tentativa de suicídio: reflexões em base a clínica centrada na pessoa. **Revista do Nufen Phenomenology and Interdisciplinarity**, Vol.7, n.2, pp. 152-165, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912015000200008&script=sci_abstract&tlng=es> Acesso em 01 Set. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 4ª ed. 2002.

HOLANDA, A. Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. **Estudos de Psicologia**, Vol. 14, nº 2, 33-46, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X1997000200004&script=sci_arttext> Acesso em 11 Out. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. Perfil epidemiológico dos casos notificados de violência autoprovoada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos

no Brasil, 2011 a 2018. **Boletim Epidemiológico**, Vol 50, nº 24, 2019. Disponível em: <<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/setembro/13/BE-suic--dio-24-final.pdf>>. Acesso em 04 Out. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária. **Transtorno Mentais e Comportamentais Departamento de Saúde (OMS)**, Genebra, 2000. Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_phc_port.pdf>. Acesso em 26 Set. 2019.

PONTE, C. R. Sales da. **Sobre os conceitos de Indivíduo em Sören Kierkegaard e de Pessoa em Carl Rogers: semelhanças e diferenças**. Dissertação (Universidade Federal do Ceará), Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1505/1/2010_dis_CRSDPonte.PDF> Acesso em 08 Out. 2019.

PRODANOV, C. C. & FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2ª. ed., 2013.

RIBEIRO, D. de S. **A compreensão do suicídio na adolescência numa perspectiva humanista**. Monografia (Graduação em Psicologia da FACS - Faculdade de Ciências da Saúde do UniCeub), 2006. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/2958>> Acesso em 27 Set. 2019.

ROCHA, M. A. S. da; BORIS, G. D. J. B. & MOREIRA, V. A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica** - Vol.18 no.1 – Goiânia, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100010> Acesso em 27 Set. 2019.

ROGERS, Carl R. **Terapia centrada no cliente**. São Paulo: Martins Fontes (Psicologia e pedagogia), 1ª Ed., 1992.

ROGERS, Carl R. (1985). **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 6ª Ed., 2009.

ROGERS, Carl R. & KINGET, G. Marian. **Psicoterapia e relações humanas: Teoria e prática da terapia não-diretiva**. Belo Horizonte: Interlivros, Vol 1, 2ª Ed. 1975.

ROGERS, Carl R. & ROSENBERG, Rachel L. **A pessoa como centro**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, Ed. da Universidade de São Paulo, 1997.

SANTOS, C. Abordagem centrada na pessoa: relação terapêutica e processo de mudança. **Revista Psilogos**, Vol. 01 nº 2, 18-23, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.hff.min-saude.pt/handle/10400.10/592>> Acesso em 07 Set. 2019.

SILVA, K. de Fátima Aparecida da; ALVES, M. A. & COUTO, D. Paula do. Suicídio: uma escolha existencial frente ao desespero humano. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Vol 1, nº 2, 2016. Disponível

em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13618>>. Acesso em 29 Set. 2019

VENTURELA, P. D'Avila. **Prevenção do suicídio: Um relato da capacitação dos voluntários do centro de valorização da vida (CVV) no município de Porto Alegre.** (Monografia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37197/000787053.pdf?sequence=1>> Acesso em 02 de Out. 2019.